

A Dança do Boilé na sala de aula: conectando a BNCC, a Educação do Campo e a cultura quilombola

Ana Carolina dos Santos Martins

Faculdade de Música do Espírito Santo "Maurício de Oliveira" / Universidade de Brasília
orcid.org/0000-0002-3618-2702
ana.martins@fames.es.gov.br

📄 Recebido em: 17/09/2025

🗨️ Aprovado em: 22/11/2025

👉 dx.doi.org/10.33054/MEB151803

Ana Roseli Paes dos Santos

Universidade Federal do Tocantins
orcid.org/0000-0003-4684-5351
anaroseli@mail.uft.edu.br

Wilson Rogério dos Santos

Universidade Federal do Tocantins
orcid.org/0000-0001-9912-7164
rg_santos@mail.uft.edu.br



Resumo

Articulando as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aos saberes da Educação do Campo, este artigo apresenta uma proposta pedagógica centrada na Dança do Boilé, manifestação cultural da Comunidade Quilombola Sucuri (GO). A partir do reconhecimento de que as manifestações músico-culturais locais potencializam o processo educativo, a proposta detalha uma aproximação educativa e interdisciplinar para o Ensino Fundamental I, com atividades práticas baseadas no corpo, na voz e em materiais acessíveis. A abordagem é fundamentada na pesquisa qualitativa alicerçada em uma revisão de literatura (Lüdke e André, 1986), com o intuito de validar e aprofundar a pesquisa, e ainda, buscando oferecer subsídios para que professores da educação básica possam fomentar o interesse pela cultura afro-brasileira, garantindo aos estudantes o direito a uma educação integral, participativa e contextualizada.

Palavras-chave: Educação Musical. Cultura Quilombola. Música e Educação do Campo. Boilé.

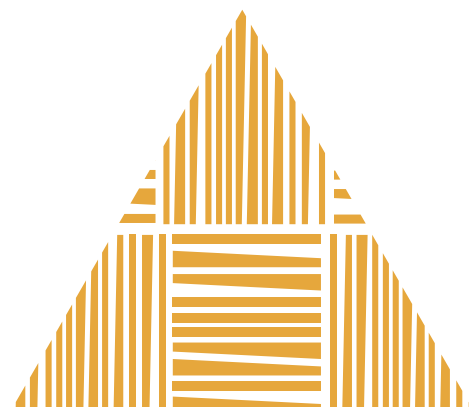
The Boilé Dance in the Classroom: Connecting the BNCC, Rural Education, and Quilombola Culture

Abstract

By articulating the guidelines of Brazil's National Common Curricular Base drawing upon the knowledges of Rural Education, this article presents a pedagogical proposal centered on the Boilé Dance, a cultural expression from the Sucuri Quilombola Community in the state of Goiás. Grounded in the recognition that local music and cultural expressions enhance the educational process, the proposal details an interdisciplinary approach for elementary school, featuring practical activities based on the use of the body, voice, and accessible materials. This approach is informed by documentary analysis (Lüdke & André, 1986), aiming to provide a framework for elementary school teachers to foster interest in afro-Brazilian, thereby ensuring students' right to a holistic, participatory, and contextualized education.

Keywords: Music Education. Quilombola Culture. Music and Rural Education. Boilé.

MARTINS, Ana Carolina dos Santos; SANTOS, Ana Roseli Paes dos; SANTOS, Wilson Rogério dos. A Dança do Boilé na sala de aula: conectando a BNCC, a Educação do Campo e a cultura quilombola. *Música na Educação Básica*, v. 15, n. 18, e151803, 2026.



Introdução: Da BNCC ao Chão da Escola do Campo

A implementação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC – (Brasil, 2018) em todo o território nacional tem o interesse de ser um esforço legítimo para garantir equidade e qualidade na educação básica, estabelecendo um patamar comum para a aquisição da aprendizagem. Contudo, para o professor que atua no chão da escola, a presença de um documento normativo de escopo nacional suscita um desafio fundamental e cotidiano: como traduzir suas diretrizes, competências e habilidades de forma que sejam, ao mesmo tempo, relevantes para a realidade local e significativas para a vida dos estudantes? Esta questão se torna ainda mais premente em contextos com identidades culturais singulares, como as escolas do campo e as comunidades tradicionais. A aplicação acrítica ou descontextualizada da Base Nacional corre o risco de se tornar um mero formalismo curricular, ignorando os saberes, as vivências e as potentes manifestações culturais que constituem o universo dos educandos. No campo da Educação Musical, esse risco é particularmente acentuado. Como aponta Queiroz (2017), a educação musical brasileira ainda lida com os resquícios de uma colonialidade que privilegiou determinados saberes em detrimento de outros. Portanto, o desafio do professor não é apenas “cumprir” a BNCC (Brasil, 2018), mas ressignificá-la, transformando-a em uma ponte entre o conhecimento formalmente estruturado e a vibrante cultura que pulsa para além dos muros da escola. A questão central que move este trabalho é, portanto, como podemos articular as diretrizes curriculares nacionais a uma prática pedagógica que não apenas respeite, mas que seja ativamente nutrida pela identidade cultural dos estudantes.

A resposta a esse desafio não reside em enxergar esses contextos como uma carência a ser preenchida, mas em reconhecer a possibilidade pedagógica de modalidades como a Educação do Campo. Longe de ser um

modelo educacional deficitário, a Educação do Campo se afirma como um paradigma político e pedagógico necessário, que, por princípio, defende uma relação intrínseca entre escola, comunidade, cultura e trabalho. Nessa perspectiva, defendida por autores como Miguel Arroyo (2007) e Roseli Caldart (2004), as culturas locais deixam de ser “temas transversais” ou adereços folclóricos para se tornarem o próprio eixo estruturante do currículo, a matriz a partir da qual o conhecimento é construído. Para Arroyo (2007), trata-se de garantir o direito dos “outros sujeitos” – os povos do campo, das águas, das florestas – a uma educação que dialogue com seus modos de vida e produção. Essa centralidade é ainda mais vital em comunidades tradicionais, como os quilombos, onde as práticas culturais são: identidade, espaços de produção de conhecimento, memória coletiva e afirmação identitária das práticas sonoras do sudeste do Tocantins – TO, como apontam Santos e Santos (2023), ao discutirem a importância de salvaguardar as experiências histórico-musicais. Manifestações como a Dança do Boilé não são apenas “conteúdo”, mas o próprio texto vivo da comunidade, um currículo, que ensina valores, história e pertencimento. Ignorar essa dimensão em nome de uma padronização curricular seria não apenas um equívoco pedagógico, mas um ato de silenciamento.

É a partir dessa compreensão da Educação do Campo como um forte paradigma que este artigo se desenvolve. O objetivo é oferecer uma proposta pedagógica detalhada que conecta a linguagem da Música, conforme as diretrizes da BNCC (Brasil, 2018), à prática cultural da Dança do Boilé da comunidade quilombola¹ Sucuri, localizada no norte de Goiás. É fundamental esclare-

¹ O quilombo, que na língua banto significa “povoação”, era o espaço físico de resistência à escravidão. Fugidos dos cafezais e das plantações de cana-de-açúcar, os negros que se recusavam à submissão, à exploração e à violência do sistema colonial escravista aglomeravam-se nas matas e formavam núcleos habitacionais com relativo grau de organização e desenvolvimento social, econômico e político (Fundação Cultural Palmares, [20--]).

cer que este texto não se configura como um relato de experiência, mas como uma proposição fundamentada, destinada a ser um subsídio prático e replicável para outros educadores que desejam trilhar caminhos semelhantes em seus contextos. A proposta aqui delineada busca materializar uma práxis decolonial, ao tomar uma manifestação músico-cultural comunitária como ponto de partida para o desenvolvimento de competências e habilidades previstas no currículo oficial. Ao fazer isso, este artigo pretende demonstrar, na prática, como é possível construir pontes entre a norma e a vida, entre o currículo prescrito e a cultura vivida, oferecendo aos professores da educação básica um caminho para transformar a sala de aula em um espaço de encontro, onde a educação musical se faz com sentido, identidade e pertencimento.

Conhecendo a Dança do Boilé: Ritmo, Corpo e Ancestralidade

Para que a Dança do Boilé se torne uma vivência significativa em sala de aula, é fundamental que nós, professores, nos aproximemos dela não como um mero “objeto folclórico ou exótico”, mas como um saber vivo, um corpo de conhecimentos com sua própria pedagogia. Esta seção propõe um mergulho nesse universo, mostrando como os sons, gestos e significados do Boilé já contêm em si uma poderosa lição sobre como ensinar e aprender música de forma coletiva e contextualizada. Como veremos, a prática do Boilé dialoga diretamente com os princípios da aprendizagem informal, teorizados por Lucy Green (2002), e encontra amparo e incentivo nas diretrizes que regem a Educação do campo no Brasil.

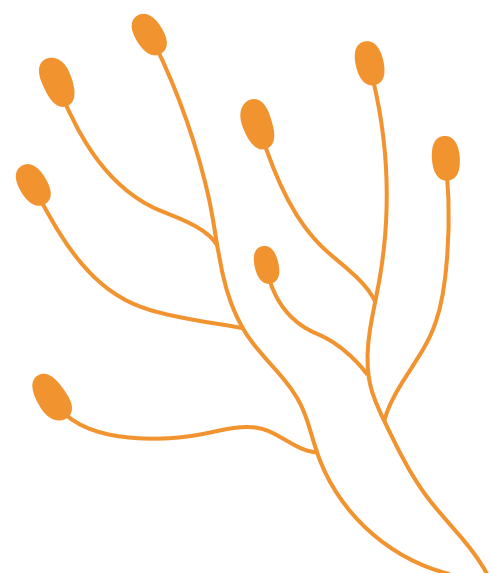




Onde a história acontece

A Dança do Boilé é uma das expressões mais vibrantes da comunidade quilombola Kalunga do Sucuri, situada no interior do município de Monte Alegre de Goiás, no norte do estado, a origem do nome da dança é desconhecida. Como em muitas comunidades quilombolas, as festividades são o coração da vida social e espiritual, momentos em que a memória, a ancestralidade e o sentimento de pertencimento são celebrados e transmitidos entre gerações. O Boilé acontece principalmente durante os festejos, ocupando toda comunidade com suas manifestações. Existe um calendário informal de festas, elas começam no primeiro dia do mês de janeiro com a folia de Santos Reis, em seguida as festas de São Sebastião. Em fevereiro festeja-se Nossa Senhora das Candeias, em março São José, em maio o Divino Pai Eterno, em junho Santo Antônio e São João Batista, no mês de agosto Nossa Senhora das Neves e Nossa Senhora da Abadia, em setembro Nossa Senhora dos Remédios, Nossa Senhora do Livramento e São Gonçalo. Em outubro Nossa Senhora Aparecida. No mês de novembro as festas se intensificam, no primeiro dia do mês comemora-se o Dia de Todos os Santos, e, no dia dois, o Dia de Finados, contudo acontece nesse mês muitas novenas e ladainhas. Por fim, no mês de dezembro, no dia oito, é comemorado o dia de Nossa Senhora da Conceição, e, no dia 13, o dia de Santa Luzia, a santa dos olhos. Em todos os festejos o encerramento se dá com a dança do Boilé.

É nesses espaços que o conhecimento musical e corporal é passado adiante, não em aulas formais, mas na vivência coletiva, onde crianças, jovens, adultos e anciãos compartilham o mesmo pulso.



Para Saber Mais Sobre O Povo Quilombola Kalunga:

Acesse aqui o livro “Uma história do povo kalunga”, publicado pela Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação em 2021 e disponível no portal do Centro de Recursos Computacionais da Universidade Federal de Goiás.

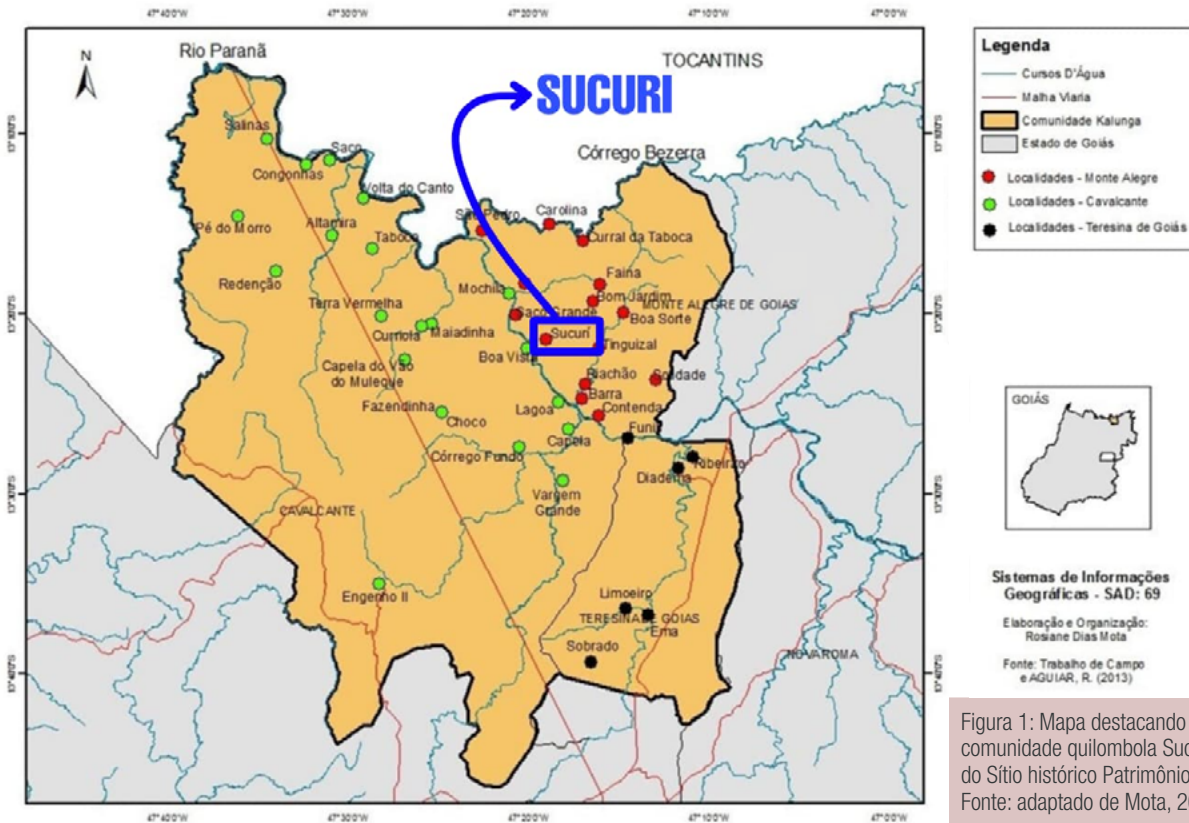


Figura 1: Mapa destacando a localização da comunidade quilombola Sucuri, GO e localidades do Sítio histórico Patrimônio Cultural Kalunga. Fonte: adaptado de Mota, 2015, p. 309.

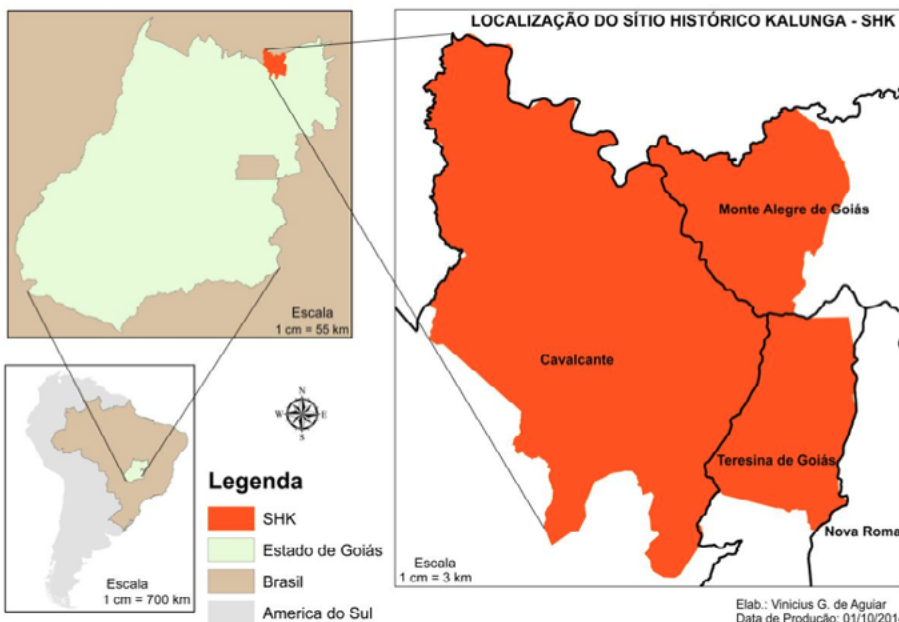


Figura 2: Mapa da localização do Sítio histórico Patrimônio Cultural Kalunga. Fonte: Movimento Regional por la Tierra y el Territorio, 2017, p. 1.

Os sons e os movimentos do Boilé: uma pedagogia informal em ação

A forma como a Dança do Boilé² é transmitida na comunidade Sucuri espelha diretamente os princípios da aprendizagem informal descritos por Lucy Green (2002). Não há um professor formal ou um método sequencial. A aprendizagem se dá por imitação, observação e participação direta, em um processo coletivo e oral, como a modelação proposta por Bandura, Azzi e Polydoro (2008).

A Música: A base rítmica do Boilé é pulsante e marcada por instrumentos de percussão, como as caixas (tambores de fabricação artesanal, confeccionados pelos próprios músicos) e pandeiros produzidos da madeira do território e pele animal. O ritmo principal é contínuo e serve como um alicerce para o canto e a dança. O canto é responsorial, seguindo a clássica estrutura de chamado e resposta: um “puxador” ou “puxadora” entoia os versos, e o coro, formado por todos os participantes, responde com um refrão simples e marcante. Essa estrutura é, em si, um convite à participação imediata, pois ninguém precisa saber a canção inteira para se juntar ao coro (Appadurai, 1997).



Figura 3: Instrumentos utilizados na dança do Boilé
Fonte: acervo dos autores

² Imagens utilizadas mediante Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz assinado pelos responsáveis legais dos participantes, com garantia de uso exclusivo para fins de pesquisas.

A Dança: Os movimentos são coletivos e geralmente realizados em roda ou em fileiras. Os passos são firmes, marcando o ritmo no chão, com o corpo inteiro participando da pulsação. A dança não busca o virtuosismo individual, mas a sincronia do grupo, a energia compartilhada. O corpo é o protagonista, um veículo de expressão, memória e celebração. Oliveira e Pilloto (2010, p. 238) dizem que a dança pode ser uma ação educativa, que cria um “vínculo de afetações entre a comunidade, o patrimônio, a tradição e as identidades”.



Figura 4 - Estudantes da Escola Estadual Kalunga V da comunidade Kalunga Sucuri-GO
Fonte: Ivaneide Dias

Para Lucy Green (2002), a aprendizagem musical informal ocorre quando os aprendizes escolhem músicas que gostam e as aprendem ouvindo, imitando e experimentando junto com seus pares. No Boilé, esse processo é visível: as pessoas mais jovens aprendem observando os mais velhos, arriscando os primeiros passos na roda, cantando o refrão e, aos poucos, internalizando todo o complexo sonoro-corporal da manifestação.

Para Escutar

Para ouvir o ritmo do Boilé e sentir sua energia, acesse a seção sobre a [Dança do Boilé](#) do portal RESOMUS - Repositório de Sons e Músicas do Sudeste Tocantinense. Você encontrará fotos e músicas das festas locais que mostram a sonoridade e o movimento da dança.



Fundamentação Legal e Teórica: Diálogos entre a comunidade e a escola

Trazer essa prática para a escola não é apenas uma escolha criativa; é uma ação pedagógica respaldada pela legislação. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação do campo na Resolução CNE/CEB nº 1/2002 (Brasil, 2002) estabelecem que os projetos pedagógicos das escolas do campo devem se articular com a realidade e a cultura das comunidades. A lei valoriza os “saberes da experiência” dos estudantes, reconhecendo-os como ponto de partida legítimo para a construção do conhecimento escolar.

A proposta pode contemplar as demais escolas de todas as regiões e especificidades de nosso país no que tange a aplicabilidade da Lei nº 10.639/03, ampliando a utilização desta sugestão para todos os professores e professoras que compreendem e se propõem a utilizar os bens culturais afrodiaspóricos.

Portanto, ao levar o Boilé para as salas de aula, o professor está cumprindo uma diretriz legal que o incentiva a romper com um currículo descontextualizado. Além disso, essa prática dialoga com o pensamento de autores como Muniz Sodré Sobrinho (2017), que nos lembra da centralidade do corpo e do ritmo na transmissão da cultura de matriz africana, e Teca Alencar de Brito, que defende uma educação musical que parte das vivências e da cultura da criança, destacando a função do meio social e da socialização entre os pares (2003).

O ritmo do Boilé, o canto responsorial e a dança coletiva não são apenas elementos musicais; rerepresentam a produção ancestral, conhecimento e identidade. Ao adotá-los, a escola aprende com a pedagogia da própria comunidade.

Sobre Educação e Relações Étnico-Raciais:

a Lei nº10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, e sua aplicação na escola, afirma em seu § 2º que os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Essa diretriz legal é fundamental para a nossa proposta, pois posiciona o componente de Arte, e especificamente a Educação Musical, não como um adereço eletivo, mas como um território central para o estudo, a vivência e a valorização das manifestações culturais afro-brasileiras. Nesse contexto, a Dança do Boilé deixa de ser apenas um “tema local” e se transforma em uma oportunidade concreta e potente de cumprir as exigências da legislação. Ao trabalhar seus ritmos, cantos e movimentos, o professor não está apenas inovando em sua prática, mas também garantindo o direito dos estudantes a uma educação que combate o racismo e que reconhece e celebra as contribuições do povo negro na formação da sociedade nacional.

Proposta Pedagógica: Trazendo o Boilé para a Sala de Aula

Diálogos entre o Boilé e a BNCC

Uma das maiores preocupações de um professor da educação básica é como alinhar suas práticas pedagógicas às exigências de um documento norteador como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018). Longe de ser um obstáculo à criatividade, a base nacional, quando lida a partir de uma perspectiva contextualizada, oferece as bases para a valorização de saberes locais. A Dança do Boilé, com sua riqueza

rítmica, corporal e social, não é apenas um “tema” a ser inserido na aula de música, mas uma fonte viva de experiências que já dialogam com as competências e habilidades propostas pelo documento.

Para tornar essa conexão explícita e fornecer um suporte prático ao planejamento do professor, a tabela a seguir demonstra como os elementos constitutivos da Dança do Boilé se correlacionam diretamente com as habilidades previstas pela BNCC (Brasil, 2018) para os componentes de Música e Dança no Ensino Fundamental. A tabela 1 funciona como um exemplo, evidenciando que, ao trabalhar os bens culturais, o professor está, de fato, cumprindo com excelência os objetivos curriculares nacionais.

Conexões entre a Dança do Boilé e a BNCC	
Elementos do Boilé	Habilidades da BNCC (Arte/Música/Dança - EF)
Ritmo (percussão corporal/instrumental)	(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.).
Canto (responsorial)	(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal).
Dança (passos e gestos)	(EF15AR09) Estabelecer relações entre as partes do corpo e com o espaço, em práticas de dança.
Contexto (história da comunidade)	(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

Fonte: elaborada pelos autores.

Proposições Pedagógico-Musicais

Antes de apresentarmos as atividades, vale ressaltar que estas proposições não estão direcionadas apenas às escolas do campo, ou às escolas quilombolas, a ideia é que elas sejam utilizadas em diferentes contextos.

Atividade 1: O corpo como tambor

Objetivo: Explorar o ritmo principal do Boilé através da percussão corporal.

Desenvolvimento:

1. O professor apresenta um vídeo ou áudio do Boilé (seguindo a dica do “Para Escutar”).
2. Conduz a turma na identificação do pulso principal.
3. Ensina um padrão rítmico com palmas.



Ouça o ritmo e sua utilização na canção:

Ritmo



Canção



Figura 5 - Mestras da comunidade quilombola Sucuri ensinando a dançar o Boilé
Fonte: Ivaneide Dias

Atividade 2: A voz que chama e responde.

Objetivo: Vivenciar o canto responsorial presente no Boilé.

Desenvolvimento:

1. O professor ensina um verso da canção do Boilé.
2. Divide a turma em dois grupos: o “puxador” (que canta o verso) e o “coro” (que responde com um refrão).
3. Incentiva os alunos a criarem seus próprios versos sobre o dia a dia na comunidade e ou escola, mantendo o refrão, como mostra o exemplo (Autor Desconhecido).

Puxador:

Em cima do pé da serra tem um pé de araçá
se você não sabe jogar verso pega sua cama e vai deitar

Coro:

Olê olê olá (morena)
Karumbê, Karumbê, Karumbá
Olê olê olá (morena)
Karumbê, Karumbê, Karumbá

Puxador:

Lá no fundo do quintal tem um pé de abacate
O gosto do teu beijo tem sabor de chocolate

Coro:

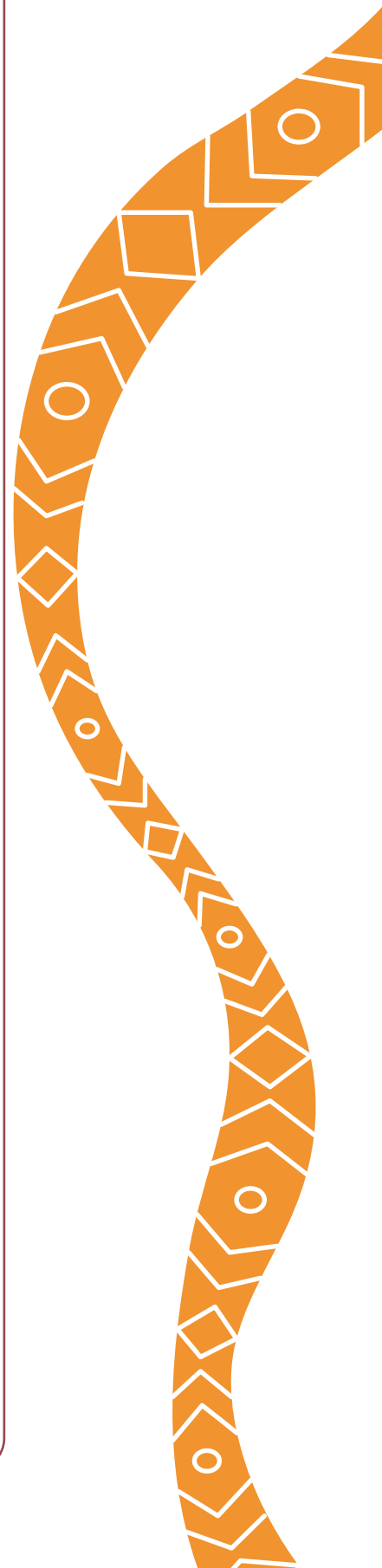
Olê olê olá (morena)
Karumbê, Karumbê, Karumbá
Olê olê olá (morena)
Karumbê, Karumbê, Karumbá

Puxador:

Sentei na beira do rio para ver peixe nadar
Vou esperar aqui para ver meu bem passar

Coro:

Olê olê olá (morena)
Karumbê, Karumbê, Karumbá
Olê olê olá (morena)
Karumbê, Karumbê, Karumbá



Esta atividade, além de musical, trabalha a escuta, a liderança e a coletividade, competências gerais previstas na BNCC. É importante salientar que os versos são livres, são rimas que podem tratar de qualquer tema, no nosso exemplo acima, eles expressam a cultura, a vivência das pessoas da comunidade.

Atividade 3: A roda que dança e conta histórias.

Objetivo: Integrar música e movimento, culminando em uma criação coletiva.

Desenvolvimento:

1. Ensino dos passos básicos da dança em roda.
2. Os alunos, em roda, praticam o ritmo com percussão corporal (Atividade 1), cantam os versos que criaram (Atividade 2) e dançam juntos.
3. A atividade pode ser finalizada com uma apresentação para outras turmas da escola.



Figura 6 - Estudantes posicionadas para começar a dança do Boilé
Fonte: Ivaneide Dias

Considerações Finais: A Sala de Aula como Espaço de Encontro e Reencontro

Ao longo deste artigo, buscamos demonstrar que a distância entre as diretrizes curriculares nacionais e o chão da escola não é intransponível. A Base Nacional Comum Curricular, com suas competências e habilidades, deixa de ser um documento abstrato ou distante quando é preenchida e vivificada pela cultura pulsante dos estudantes. Habilidades como “explorar elementos constitutivos da música” ou “investigar distintas matrizes estéticas” (Brasil, 2018) ganham um sentido profundo e concreto quando o ritmo explorado é o da festa da comunidade e a matriz investigada é a dos próprios avós dos alunos. A Dança do Boilé nos mostra que é no encontro entre a norma e a vida que a educação se torna verdadeiramente significativa.

A sequência didática centrada no Boilé serve, portanto, como um estudo de caso, um exemplo de uma metodologia que pode ser replicada em sua essência, ainda que com outros conteúdos. O convite que se estende ao professor-leitor é o de se tornar um pesquisador de sua própria localidade, identificando as manifestações músico-culturais que podem servir de alicerce para uma prática pedagógica contextualizada. O que se propõe é um deslocamento do olhar: da busca por materiais didáticos externos para a escuta atenta das riquezas que a comunidade oferece.

A educação musical que defendemos é aquela que opera nesse ponto de encontro: entre o local e o universal, entre a ancestralidade e o futuro. Ao valorizar os saberes que vêm do terreiro, da praça, da festa, a escola honra as raízes e a história de seus estudantes. O Fazer música na escola, dessa forma, transcende o aprendizado de técnicas e repertórios; torna-se um ato de construção de identidade, de fortalecimento comunitário e de exercício pleno da cidadania.



As Autoras e o Autor



Ana Carolina dos Santos Martins

ana.martins@fames.es.gov.br

Flautista e fagotista com experiência em diferentes formações musicais. Por formação é Licenciada em Música pela Faculdade de Música do Espírito Santo - FAMES. Tem experiência em práticas de ensino acessível (Libras) e com adaptações de metodológicas na Educação Especial e para crianças e adolescentes que vivem em risco e vulnerabilidade sociais. Atualmente é Mestre em Música pela Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, Professora da Faculdade de Música do Espírito Santo "Maurício de Oliveira" - Fames e Presidente do Núcleo de Ensino de Acessibilidade e Permanência - NAEP - da instituição e Doutoranda em Música na Universidade de Brasília - UnB.

<http://lattes.cnpq.br/9373311202756876>



Ana Roseli Paes dos Santos

anaroseli@mail.uft.edu.br

Pesquisadora Produtividade do CNPq. Bacharel em Música pela UNICAMP, Mestre em Educação pela FE/UNICAMP e Doutora na Especialidade de Educação Musical pela Universidade do Minho/Portugal. Atualmente é Professora Adjunta na Licenciatura em Educação do Campo; Coordenadora da Pós-graduação Lato Sensu em Música, Cultura e Sociedade e do Gabinete de investigação em Educação Musical da Universidade Federal do Tocantins. Colaboradora na Pós-graduação em Música da UFSJ.

<http://lattes.cnpq.br/7870834322246866>



Wilson Rogério dos Santos

rg_santos@mail.uft.edu.br

Professor Associado na Universidade Federal do Tocantins, lecionando Música no curso de Licenciatura em Educação do Campo no Campus de Arraias e na Licenciatura em Música - EAD. Sua área de interesse e pesquisa é interdisciplinar e inclui ensino coletivo de instrumentos; narrativas transmidiáticas; música e desenvolvimento humano e etnomusicologia. É Doutor em Música - Educação Musical pela UFBA, Mestre em Artes - Música pela UNESP e Bacharel pela UNICAMP nas áreas de Composição e Regência.

<http://lattes.cnpq.br/1349418651363819>



Referências

- APPADURAI, Arjun. Soberania Sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. *Novos Estudos*, [S. l.], n. 49, p. 33-46, novembro 1997.
- ARROYO, Miguel González. *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BANDURA, Albert; AZZI, Roberta Gurgel; POLYDORO, Soely. Teoria social cognitiva: conceitos básicos. Porto Alegre: Artmed. 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 17 set. 2025.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 9 abr. 2002. Seção 1, p. 19
- BRITO, Teca Alencar de. *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. *Quilombo*. Brasília, [20-]. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protecao-preservacao-e-articulacao/serra-da-barriga-1/quilombo>. Acesso em: 22 nov. 2025.
- GREEN, Lucy. *How popular musicians learn: a way ahead for music education*. Aldershot: Ashgate, 2002.
- MOTA, Rosiane Dias. Protestantismo, Identidade Territorial e Territorialidades da comunidade Quilombola Kalunga - Goiás - Brasil. In: ALMEIDA, Maria Geralda (Org.). *O território e a comunidade Kalunga: quilombolas em diversos olhares*. Goiânia: Gráfica UFG, 2015. p. 305-325. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/214/o/o_territorio_e_a_comunidade_kalunga.pdf. Acesso em: 22 nov. 2025.
- MOVIMIENTO REGIONAL POR LA TIERRA Y EL TERRITORIO. *Estudo de caso: Comunidade Quilombola Kalunga*. [S.l.], 2017. Disponível em: <https://porlatierra.org/docs/a72dac0268841fe42cab6fe0380d039d.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

LÜDKE, Menga; André, Marli. *A pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, 1986.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Garcia Baran de; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. Mediação cultural: Ação educativa para compreensão das imagens criadas como novos códigos visuais pela mídia pós-moderna. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 233-241, mai./2010.

SANTOS, A. R. P.; SANTOS, W. R. Salvaguarda de músicas e sonoridades do sudeste tocantinense. *[re]Design*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 29–37, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ifma.edu.br/index.php/redesign/article/view/1186>. Acesso em: 17 set. 2025.

QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. *Revista da ABEM*, [S. l.], v. 25, n. 39, p. 132-159, 2017.

SOBRINHO, Muniz Sodré C. *Samba, o dono do corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.

SOUSA, Angélica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da FUCAMP*, [S. l.], v. 20, n. 43, 2021.

